

LER E ESCREVER

De Fernanda Rosa

A minha avó materna teve catorze filhos. Chamava-se Jacinta. Era uma grande mulher.

A minha avó era guarda da linha de ferro onde hoje é a barragem de Belver. O meu avô era chefe de distrito. As linhas do comboio ligaram gerações na minha família. O meu pai, Joaquim também trabalhou para os Caminhos de Ferro Portugueses. Era agulheiro; mudavam manualmente as linhas. Nessa altura os comboios chegavam carregados de material para a construção da futura barragem de Belver. Os turnos eram de doze horas: do sol nado ao sol posto. Recordo-me bem de lhe ir levar o almoço aos domingos com as minhas irmãs por carreiros e atalhos e pela linha de comboio. Eram duas horas de caminho.

A minha mãe era muito mais nova do que o meu pai. Viviam em Abrantes. Certo dia o meu pai jogou na lotaria e saiu-lhe um bom prémio. Com o dinheiro ganho decidiu comprar as fazendas dos irmãos e mudar a família para a Areia. Foi um grande desgosto para a minha mãe. Um tormento mesmo. Ela detestava a vida do campo. Ela era a única que sabia ler e escrever em toda a aldeia. Sentia-se só. Sair de Abrantes para seguir o meu pai para uma aldeia tão pequena e isolada foi um duro golpe. Para falar a verdade, os meus tios também não viram a mudança com bons olhos. Mas o meu pai era obstinado e foi dele a palavra final. Quando saíram de Abrantes as minhas irmãs tinham dez, oito e seis anos. Eu vim a nascer muito mais tarde. O meu pai queria muito ter um filho. Depois da quarta filha, nem se atreveu a tentar mais e



Fernanda Rosa aos 5 anos de idade

deu o assunto por encerrado.

Na Areia a vida era calma e boa. Vivia-se ao ritmo da natureza e do que ela nos dava. Eu e as minhas irmãs adorávamos aquela vida. Com as propriedades que o meu pai comprou e com o que daí provinha nunca passámos qualquer tipo de necessidade. Pior ficaram os meus tios, que venderam tudo o que tinham, ansiosos por ter na mão dinheiro que se visse. Esqueceram-se foi que o dinheiro na mão é como água e por mais que se tente segurar, não dura muito. Pouco tempo depois, viram-se sem terras nem dinheiro.

Tudo dizia que as nossas vidas iriam ser suaves e sem percalços, mas o meu pai acabou por adoecer. Tinha cancro na língua. Com a sua morte foi-se também o tapete por debaixo dos nossos pés. As minhas irmãs já estavam casadas e eu contava treze primaveras. Nos últimos meses de vida já não lhe conhecíamos a voz. A pouca

comunicação era feita com papel e caneta. Ver o meu pai a definhar com a doença foi mais penoso e dilacerante do que lidar com a sua morte. Essa acabou por ser misericordiosa. Depois da sua partida eu e a minha mãe vivemos tempos complicados; difíceis economicamente e pesados emocionalmente. Vivi com a minha mãe por mais treze anos. A partir de uma certa altura da sua velhice, dividi essa responsabilidade com as minhas irmãs e ela passou a ficar um mês na casa de cada uma. Era assim que se fazia, cuidava-se de quem cuidou de nós. O ciclo da vida não contemplava o degredo num lar. Havia respeito pelo mais velhos e por tudo o que tinham feito por nós enquanto puderam.

Durante a infância estudei até à terceira classe. Era essa a norma. Os rapazes é que faziam a quarta classe para logo a seguir ir procurar trabalho. A seguir à escola primária, com onze ou doze anos deixavam de ser crianças e passavam a ser homens capazes de gerar um salário. Todas as minhas irmãs sabiam ler, escrever e bordar. O meu pai pagou para isso quando ainda viviam em Abrantes. Considerava essencial e que seria cada vez mais indispensável enfrentar a vida letradas. Também ele sabia de letras e de números por insistência do seu próprio pai. Na altura as pessoas da aldeia até apelidaram o meu avô de tonto por querer que o filho aprendesse a ler e a escrever porque os filhos eram feitos e serviam para trabalhar. Ninguém entendia a literacia como um bilhete para uma vida melhor. Os filhos foram todos à escola e as filhas enviadas para trabalhar em casas de gente abastada. A vida do campo era extremamente dura e o meu avô queria que os filhos tivessem a oportunidade de viver com menos dificuldades. Imagino como terá sido difícil para o meu avô aguentar sem os braços dos meus tios a ajudar na lide, até pela incompreensão que isso gerou na vizinhança. Não havia grande animo para lutar por um futuro diferente. Acho até que ninguém saberia como. Era mais fácil seguir na corrente porque a vida que se levava não contemplava tempo para sonhos e desilusões. Tive uma grande sorte em ter um avô lutador. O meu pai puxou a ele.

Com a terceira classe já concluída, fui para Belver aprender a costurar. Ia a pé e sozinha. As minhas colegas de escola foram todas trabalhar a guardar ovelhas. Eu tinha inveja delas porque era mesmo isso que queria fazer da minha vida: ser pastora. Mas isso nem era tema de conversa em casa. Mesmo só quando tocava no assunto sentia logo o meu pai a mudar de cor. As minhas irmãs preferiram trabalhar com resina. As três acabaram por casar com resineiros. Todo o trabalho que fazíamos era em proveito próprio. Nunca trabalhámos por conta de outrem, nem nunca fomos obrigadas a isso. Se eu ia trabalhar, era porque queria.



Fernanda Rosa aos 13 anos

Naquela altura, era comum que, quem podia, engordasse bois para ir vender na feira de Ponte de Sor ou da Comenda. Com o dinheiro da venda nas mãos compunha-se o enxoval das filhas. Compravam-se cobertores, colchas, talheres...as peças mais importantes e vistosas para depois se usar

depois do casamento. O ouro era muito valorizado e quem podia era isso que comprava. Nas feiras havia sempre uma barraca de ourivesaria e faziam-se bons negócios. Mas compor o enxoval não era tarefa que cabia só aos pais. As moças casadoiras também contribuíam como podiam; trabalhavam na ceifa, na monda ou na azeitona. O dinheiro que conseguissem era uma ajuda preciosa para compor as arcas e gavetas da futura casa nova.

Na década de quarenta e cinquenta a Areia contava com cerca de duzentos habitantes. Agora restam cinquenta e só duas crianças. Do meu ano na escola, éramos dezasseis. Para ir à escola tínhamos de fazer o caminho a pé. Era uma caminhada de meia hora até Domingos da Vinha. Quando chovia muito os caminhos, de terra batida, ficavam impraticáveis. Com as chuvadas, as ribeiras inchavam e roubando mesmo o nome aos rios quer no tamanho quer na força das correntes. Nesses dias fazíamos o caminho em cima de carros de bois, pois era a única maneira de se conseguir atravessar aquele mar de água. Ainda hoje me arrepio a pensar nessas malditas travessias que tinham tudo para correr mal. Chegamos a Domingos da Vinha, seguíamos para a casa velha a que chamávamos de escola. Era basicamente uma sala grande com carteiras de madeira e a secretária da professora.

Já sair da aldeia nos carros de bois para ir à feira, era um espetáculo digno de se ver. Eu cheguei a ir uma vez à feira da Comenda. Só a ida durava um dia. Os carros enfeitavam-se todos com flores e levavam em cima um estrado com o pasto que os bois iam precisar para comer naqueles dias e com as coisas que precisávamos para lá pernoitar. Nós seguíamos a pé ao lado da carroça. Antes de ser dar a feira por acabada, e depois de vender os bois que levávamos, era a hora de comprar os bezerros, para se engordar ao longo daquele ano e vender no ano a seguir. Era assim, a esta velocidade, que a economia das casas ia prosperando. Hoje parece impensável esperar meses por alguma coisa, mas temos de pensar nos bois como o cartão de crédito da altura. Era assim que se amealhava dinheiro.

Como os meus tios viviam em Lisboa, era lá que me compravam os tecidos para fazer os meus vestidos. A roupa fazia-se toda em casa, ou pedia-se a alguém que soubesse costurar. Não me lembro de algum dia ter comprado roupa feita. Na feira do Gavião comprava-se o xaile para usar na azeitona e os sapatos novos cujas primeiras viagens estavam reservadas para a missa de Belver. Até Belver calçávamos sapatos velhos, até porque quando chovia chegávamos cheios de lama. Mas antes de entrar na casa do Senhor, trocávamos de calçado e íamos todas vaidosas com os sapatos novos e a luzir tanto à missa como depois ao passeio pelas ruas da vila.

Os bailaricos eram uma importante faceta da vida social da aldeia. Eram animados por um qualquer acordeonista a quem se pagava. A iluminação ficava a cargo da lua ou dos candeeiros a petróleo para os quais todos contribuíam. Cantava-se muito ao desafio. Estes bailes eram uma animação e o entretenimento possível.

Eu e as minhas irmãs enviuvámos cedo. Uma delas duas vezes. Essa irmã tinha vinte e três anos, uma filha de três e uma barriga de grávida prestes a rebentar quando a vida lhe roubou o marido. Eu tinha nove anos e esse meu cunhado e outras seis pessoas meteram-se

num barco para atravessar o Tejo. A barragem ainda não existia e o Tejo fazia grandes cheias. Foi numa dessas cheias que o bote se virou e o rio acabou por arrastar nas suas correntes o meu cunhado, dois tios e um casal de namorados. A minha irmã, enlutada, voltou para a casa dos meus pais onde vinte e dois dias depois da tragédia foi novamente mãe. Já estava a família conformada com a tragédia quando esta bate novamente à nossa porta sobre a forma da doença do meu pai. A jovem viúva viu um casamento ser-lhe arranjado apressadamente para assegurar que elas e as filhas pudessem ter estabilidade no futuro.

O meu marido era de Alvisquer. Trabalhava a vender tecidos às casas de venda a retalho. Fazia muito negócio pelo Gavião, mas viajava por todo o país. Estamos a falar de uma época em que as viagens eram longas e penosas. Tudo era distante, e a distância vencia-se a pé, com o cansaço e a lentidão que isso implicava. Às vezes ele ausentava-se por meses. Com os dezoito anos chego também a carta de condução. Nessa altura já era meu namorado, para desagrado da minha mãe, que não gostava da sua profissão e achava que eu, com dezassete anos, era muito nova para namorar. Combinámos que iríamos esperar até que o serviço militar tivesse ficado para trás das costas para nos casarmos. Mas mesmo depois de ser um homem casado, lá veio a ordem para ele se apresentar ao serviço.



Fernanda Rosa de noiva, 1971

Os casamentos eram um acontecimento e dia de festa para os burros também! No meu casamento não foi diferente. Os noivos mais abastados iam a cavalo para depois trazerem consigo a noiva na montada.

No dia do casamento o noivo e todos os seus convidados iam pedir a noiva aos pais. Esta despedia-se dos pais e todo o cortejo seguia para a vila: noivos, padrinhos e convidados. Para esta aventura também os

burros se engalanavam, enchendo os donos de orgulho. Colocavam-se nas albardas as melhores colchas e até era uma vaidade ver quem tinha o burro com a manta mais bonita.

Quando a cerimónia se cava por terminada, voltava-se para a terra da noiva. Durante o caminho de volta alguns dos rapazes adiantavam-se aos restantes convidados para que a sua montada fosse a primeira a chegar. Essa pressa dava sempre direito a umas valentes cambalhotas pelo caminho, o que arrancava valentes gargalhadas a quem tinha a sorte de as conseguir ver. A urgência da cavalgada tinha a ver com um arco feito pelas raparigas da terra onde se penduravam lenços estampados dobrados duas vezes em bico. Ao centro do arco era colocado um bolo, fornecido pela casa da noiva e um ramo de



Lavar a loiça depois do casamento

flores. O primeiro a chegar apanhava o bolo e voltava para trás para o oferecer aos noivos. Ao segundo mais rápido cabia a honra de entregar o ramo de flores.

As raparigas e mulheres da aldeia esperavam o cortejo com cestas e bandejas de flores ou papelinhos coloridos. Eram as chamadas “vivas aos noivos”. Já na aldeia, a noiva oferece o bolo às raparigas que à noite, durante o bailarico o dividem entre si. Estava implícito que o casamento teria de ter bailarico com um acordeonista a animar.

Nas comemorações toda a aldeia se envolvia. Trabalhava-se oito dias para celebrar três. Na noite do casamento os noivos convidavam os rapazes e as



Convidados do casamento a festejar

raparigas para ir à sua futura casa comer “a bucha”. Ao longo das semanas seguintes, as mulheres da aldeia e as pessoas de família iam visitar os noivos e levavam ofertas. Ao receber as visitas era certo que teríamos de tirar tudo das arcas e das gavetas e sujeitarmo-nos às mais diferentes apreciações. Estive duas semanas com as portas da minha casa abertas e com pessoas todos os dias a aparecer para conhecer a casa e ver o enxoval; abriam gavetas, armários, examinavam roupas de cama e colchas. Depois lá ficava eu a arrumar tudo no sítio outra vez, só à espera que a próxima visita batesse à porta. Ao fim de duas semanas o meu marido foi chamado à tropa e eu vi aí a desculpa para fechar as portas de casa e das minhas arcas aos olhares dos curiosos.



Devido à guerra nas colónias o meu marido foi chamado ao serviço em Portalegre para ficar de prevenção enquanto motorista. Tivemos de ir a pé a Gavião buscar uma guia sem a qual ele não se poderia apresentar. As deslocações eram um grande entrave à celeridade da vida. Quando o meu marido chegou a Portalegre a guia já tinha expirado e ele acabou por ser imediatamente preso. O cárcere ainda durou uns meses. O início do meu casamento não foi exatamente como eu o tinha imaginado. Confesso que visitar o meu marido na prisão estava longe dos meus planos de vida de recém-casada. Para o visitar ia o meu sogro levar-me de burro até Belver. Apanhava uma camioneta para Gavião e depois daí para Portalegre. Perdia um dia inteiro na viagem para estar com ele um par de horas.

Depois desta provação, o meu casamento lá arrancou forte e feliz. Fomos viver para Abrantes, mas eu sentia muito a falta da minha casa na Areia, onde nasci e cresci. Era lá que me sentia completa e acabámos por voltar. É nessa mesma casa onde ainda hoje vivo, onde os meus filhos se tornaram homens e onde os meus netos sabem que podem encontrar sempre os carinhos da avó.



Fernanda Rosa com os filhos, Areia